

BOLETIM EDUCAÇÃO EM EVIDÊNCIAS

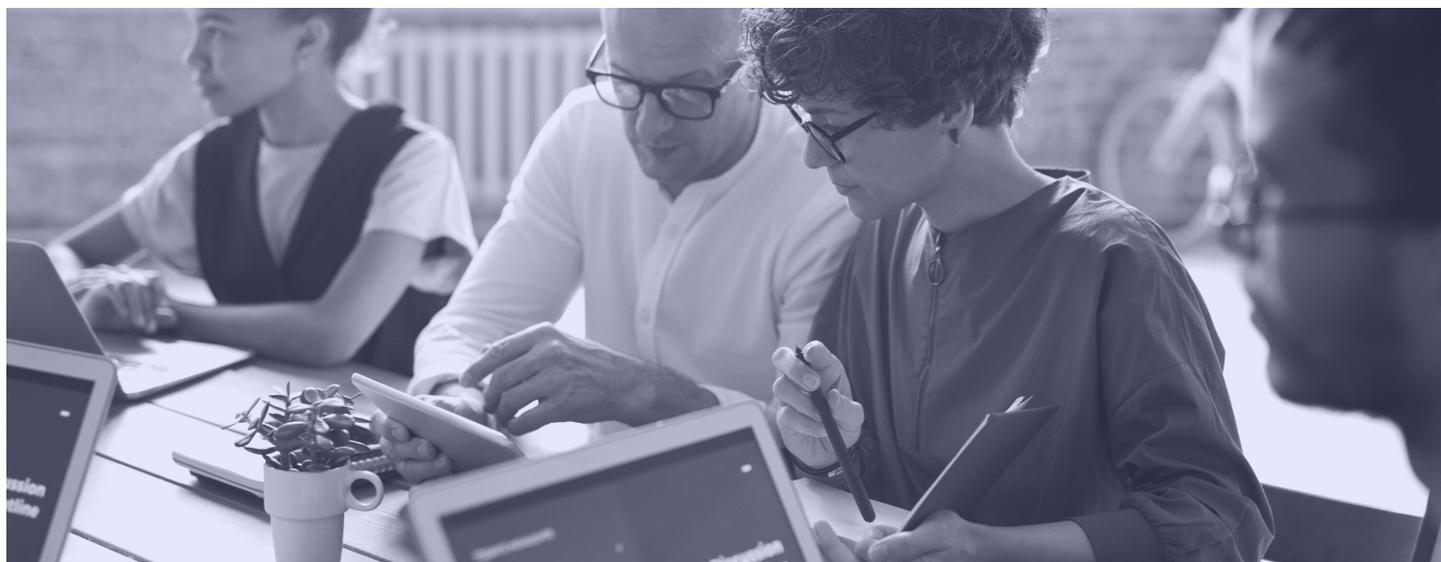


Foto de [fauxels](#) no [Pexels](#)

O que há de novo

ARTIGO SOBRE AVALIAÇÃO DE IMPACTO EXPERIMENTAL

Priscilla Bacalhau, que no dia 13 de novembro de 2020 falou no [Seminário do Escritório de Evidências](#) sobre Gestão Escolar (voltaremos a esse seminário em outro Boletim), fez um excelente artigo para a plataforma **Nexo Políticas Públicas** sobre [Avaliação de Impacto Experimental](#).

Alguns pesquisadores que ouvimos nos seminários fizeram uso dessa estratégia, entre eles **Guilherme Lichand**, que em 29 de janeiro falou sobre os efeitos das intervenções informacionais nos resultados educacionais. Muitos dos termos que ele usou são explicados didaticamente no artigo de Priscilla, nos ajudando a compreender aspectos mais técnicos da pesquisa econométrica em educação. O artigo vale a pena também por esclarecer a importância das avaliações de impacto experimentais para o teste de novas políticas públicas, antes de serem implementadas em larga escala.

NESTA EDIÇÃO

SEMINÁRIO DE 12/03
VERA PLACCO, VERA
LÚCIA T. DE SOUZA E
LAURINDA R. DE
ALMEIDA

O(A)
COORDENADOR(A)
PEDAGÓGICO(A) E
FORMAÇÃO DOCENTE
EVIDÊNCIAS EM
DEBATE:
CLAUDIA COSTIN
SOBRE FORMAÇÃO
DOCENTE

Agenda dos Seminários



ASSISTA NO CANAL DO YOUTUBE DO CENTRO DE MÍDIAS DE SÃO PAULO

DIA 12/03 ÀS 14H - VERA PLACCO, VERA LÚCIA TREVISAN E LAURINDA R. DE ALMEIDA

O(A) COORDENADOR(A) PEDAGÓGICO(A) E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS): INTENÇÕES, TENSÕES E CONTRADIÇÕES



As três palestrantes são doutoras em educação: psicologia da educação, pela PUC-SP. **Vera Maria Nigro de Souza Placco** (esq.) é docente e pesquisadora na Pós-Graduação em Educação da mesma universidade, em Psicologia da Educação e Formação de Formadores, e líder do grupo de pesquisa CEPId - Contexto Escolar, Processos Identitários de Professores e Alunos da Educação Básica.

Vera Lucia Trevisan de Souza (centro) é docente e pesquisadora da Pós-Graduação em Psicologia da PUC - Campinas e líder do grupo de pesquisa "Processos de constituição do sujeito em práticas educativas.

Laurinda Ramalho de Almeida é docente e pesquisadora da Pós-Graduação em Educação: Psicologia da Educação e Educação e Formação de Formadores da PUC-SP e vice-líder do grupo de pesquisa "Bases da Psicologia para a Educação.

No seminário vamos refletir sobre a **identidade do(a) Coordenador(a) Pedagógico(a) no Brasil**, focalizando as especificidades de sua função, suas condições de trabalho e de formação, apontando, principalmente, os desafios que enfrentava e enfrenta para o desempenho de suas funções articuladora, formadora e transformadora, com destaque à formação de professores. Ainda, pretendemos problematizar a **complexificação de seus desafios** frente ao isolamento social, à volta à escola e ao ensino remoto, que exigem novas práticas e posturas.



Quais são as funções do(a) CP e os desafios que encontra para desempenhá-las?

Como o contexto atual complexifica sua atuação?



A FORMAÇÃO DOCENTE SOB O OLHAR DE CLAUDIA COSTIN

O tema da formação de professores(as) é central na reflexão sobre a política educacional. Não por acaso ele aparece neste boletim como tema do próximo seminário, associado ao debate sobre o papel da coordenação pedagógica, e no comentário que faremos aqui sobre o seminário de Claudia Costin, ocorrido no dia 18 de novembro passado. Raquel Teixeira, Coordenadora da Efape, foi a apresentadora e debatedora na ocasião, trazendo também sua experiência para o debate

Cláudia Costin atualmente é diretora do Centro de Excelência e Inovação em Políticas Educacionais, da Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas – FGV RJ.

Sua extensa carreira e os sucessos acumulados a gabaritam como uma das principais conhecedoras da educação brasileira. Foi, entre 2009 e 2014, Secretária Municipal de Educação do Rio de Janeiro, período em que o IDEB do município aumentou em 22%.

Quando comentamos um seminário, não conseguimos, é claro, reproduzir a riqueza da reflexão em poucas páginas, por isso a recomendação é sempre a mesma: assistam Claudia Costin em [nosso canal do Youtube](#). A abordagem que ela faz da formação docente é apaixonada, defendendo a necessidade de profunda inovação, que seja pautada pelas evidências de estudos e práticas de sistemas de ensino bem-sucedidos no mundo. Por sua atuação diversa como gestora e pesquisadora no campo da educação, ela traz para o debate inúmeras informações concretas sobre essas experiências.

O que é tão ou mais importante, debate a formação docente a partir de uma perspectiva ampla, que busca sínteses e consensos que nos ajudem a refletir sobre como construir a educação dos nossos sonhos.

Claudia inicia a reflexão pelo Objetivo de Educação entre os **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – o ODS 4**

A Agenda para o Desenvolvimento Sustentável, composta de 17 objetivos, foi proposta pela ONU em 2015 para orientar a ação de seus países membros em vários campos de políticas públicas até 2030. O ODS 4 propõe “assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos”.

Constrasta a essa meta à realidade educacional brasileira, que vai muito mal nos dois quesitos: **qualidade e equidade**. Se educação de qualidade significa bons resultados de aprendizagem, o Brasil está entre os 9 piores países, de 70, na avaliação de matemática de alunos de 15 anos feita pelo Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa) em 2019. Mas talvez o elemento mais preocupante seja a falta de equidade no acesso à educação de qualidade: apenas 64% dos alunos concluem o Ensino Médio com 19 anos. Mesmo considerando os efeitos da desigualdade social brasileira na educação, e o ciclo vicioso que se cria – a **desigualdade educacional** reforçando ainda mais a desigualdade social –, Costin aponta que há países desiguais socialmente como o Brasil que estão sendo capazes de criar um círculo virtuoso rumo à equidade educacional.



Recentemente, Costin investigou quais as características comuns a redes de ensino que avançaram no IDEB de maneira contínua, chegando à síntese abaixo. Notem como a formação docente é um dos elementos de um conjunto de medidas.



- **Estabelecer resultados claros a serem alcançados: Altas expectativas, para todos.**
- **Ter um currículo claro e atuar em rede.**
- **Formação continuada de professores conectada com o currículo e com resultados de avaliações.**
- **Monitorar continuamente a aprendizagem e dar devolutivas para todos na rede.**
- **Criar um sistema de recuperação de aprendizagem (atenção especial aos mais velhos e aos não alfabetizados).**
- **Construir ações afirmativas (mais para quem tem menos).**
- **Trabalho colaborativo dentro de cada escola e entre escolas.**

MELHORIA CONTÍNUA DE APRENDIZAGEM

Fonte: Apresentação de Claudia Costin

Voltando aos ODS, não basta qualidade sem equidade, que do ponto de vista da atuação do(a) professor(a) exige motivar alunos e alunas que não estão motivados, justamente aqueles com baixo desempenho. A principal competência do(a) professor(a) é garantir a aprendizagem de todos – este é o ponto central do argumento de Claudia Costin. E essa tarefa de envolver e engajar principalmente esses estudantes e garantir que aprendam é muito complexa, exige uma formação que os professores brasileiros

não têm recebido, nem na graduação, nem na formação em exercício. Em relação à formação inicial, Costin observa que os currículos das universidades são excessivamente teóricos, e divorciados da preparação para uma profissão. Em sua opinião, os antigos cursos de magistério de ensino médio eram muito mais conectados com a prática. O problema não reside no fato de essa formação ter sido levada ao nível superior, decisão acertada em sua avaliação, e sim na maneira como se construíram tais cursos. Se compararmos, a formação médica, de responsabilidade das universidades, é altamente profissionalizante, fazendo uso da residência médica. Na **Finlândia** os docentes de educação básica passam por um mestrado profissional, estreitamente conectado com o “chão da escola”, antes de lecionarem. No Chile, que não por acaso tem bom desempenho na educação básica, também é fortemente profissionalizante a formação de professores, que desde o primeiro ano da universidade já atuam em escolas públicas em atividades com níveis crescentes de responsabilidade. Medidas de aproximação da formação inicial com as escolas públicas de educação básica já estão ocorrendo nas nossas redes. **Raquel Teixeira** comenta que a Seduc SP está buscando parcerias com as universidades paulistas visando aprimorar o estágio supervisionado nas licenciaturas e nos cursos de pedagogia. Para Claudia, a necessidade urgente de aprimorar a formação docente não pode esperar essa profunda transformação da estrutura atual em que se dá



a formação inicial; o processo de alteração dos currículos universitários é lento, daí a importância fundamental da formação continuada. Nem tudo está ainda por se fazer. Costin registra os achados de estudos e experiências bem sucedidas de formação docente, que vêm construindo consensos recentemente. Entre alguns aspectos que ela destaca estão práticas de formação continuada em serviço com tutoria e observação de sala de aula, como é o caso de **Xangai**, que tem excelentes resultados de aprendizagem, estudos realizados por Barbara Bruns com apoio do Banco Mundial no Ceará, sobre observação do uso do tempo em sala de aula – que redundaram em medidas concretas da rede de ensino – e o fato de que as escolas de formação de professores estão fortalecendo a formação em gestão de sala de aula.

Nesse contexto, Claudia também registra o importante avanço que significou a publicação, pelo Conselho Nacional de Educação, das Diretrizes Curriculares Nacionais e da **Base Nacional Comum para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica (Resolução CNE/CP nº 01/2020)**. A BNC traz propostas importantes para a formação inicial, entre elas o desenvolvimento de competências digitais entre docentes, algo cada vez mais fundamental nos dias de hoje. Chegamos aqui ao segundo bloco fundamental de argumentos. No início desse texto registramos, como Claudia Costin, que a tarefa fundamental dos docentes, de garantir a aprendizagem de todos, é complexa e exige uma série de competências que precisam ser aprendidas.

As características do mundo de hoje, principalmente referidas à velocidade das transformações tecnológicas e ao mundo do trabalho, traz um outro conjunto de elementos para o debate.

Desafios que o futuro traz para o Brasil

- Automação e robotização, extinção de postos de trabalho: a 4ª Revolução Industrial
- Demanda por competências mais sofisticadas: pensamento sistêmico, analítico, pensamento crítico, criatividade
- Crescimento da desigualdade social
- Cidadania frágil e populismos

Tendências em Educação no Mundo

- Foco em resolução colaborativa de problemas e em criatividade
- Personalização do ensino
- Flexibilização dos currículos e interdisciplinaridade
- Habilidades e conhecimento, Ciências e História
- Cultura digital e ensino híbrido
- Competências para o século 21: adaptabilidade, empatia, abertura ao novo
- Protagonismo do aluno (formar para a autonomia e para a cidadania global)

Fonte: Apresentação de Claudia Costin

O cenário desenhado pelos quadros acima dá a noção da enorme complexidade envolvida na formação de professores e professoras para esse novo ensino. De um lado, o uso de tecnologias e o ensino híbrido colaboram em desonerar o professor de tarefas que antes consumiam muito tempo e cujo



objetivo era de transmitir conteúdos (aulas gravadas, vídeos, etc.) – esse ganho também foi discutido por Paulo Blikstein em seu seminário. No entanto, esse movimento precisa acontecer paralelamente a outro, que é o aprofundamento da formação mais complexa associada a seu papel central: deixa de ser transmissor de conteúdo para ser assegurador da aprendizagem, que envolve não apenas aprender a ensinar os diversos conteúdos curriculares tradicionais, como os novos conteúdos. Se o mundo do trabalho exige pensamento crítico, pensamento sistêmico, uma capacidade analítica maior do indivíduo, também o(a) docente precisa aprender tais competências para orientar a aprendizagem delas na sala de aula. Como diz Claudia Costin, as competências socioemocionais ganham importância, mas é difícil ensinar o que não desenvolvemos em nós.

"Não adianta falar de persistência se eu desisto do meu aluno."
Raquel Teixeira observa, no contexto desse debate, que a pandemia provocou algumas mudanças de atitude positivas: o professor perdeu o medo da tecnologia, as famílias passaram a dar mais atenção ao estudo dos filhos e valorizar a escola. Acrescenta: precisamos aproveitar esse momento para fortalecer a profissionalização da carreira docente e sua valorização pela sociedade. A necessidade de aumento salarial também foi tratada por Claudia Costin; os salários muito baixos em comparação a profissões que exigem a mesma escolaridade é uma das distâncias fundamentais entre o Brasil e os países com educação básica de qualidade. Fica aqui mais um "teaser": vejam [no vídeo](#) o que ela fala sobre a imagem social estigmatizada da docência no Brasil e o risco da vitimização.

Cartas, recados, e outros...

ESCREVAM PARA EVIDENCIAS@EDUCACAO.SP.GOV.BR

Caro(a) leitor,

Se você gostou particularmente de um seminário, ou leu um artigo que gostaria que fosse comentado no boletim, ou conheceu uma pesquisa que mereça aparecer nos nossos seminários, escreva para nós. Nosso email é evidencias@educacao.sp.gov.br

Obrigado(a)!

Abraços,



Clique [aqui](#) para acessar o nosso Canal!

Expediente:

Coordenação: Marcos Barros (CITEM)

Redação e diagramação: Escritório de Evidências (Maria Elisa Brandt, Vinicius Georges e Guilherme Corte)